



***“QUE PALHAÇADA É ESSA?”: UM RELATO SOBRE SEXUALIDADE NO
ENSINO DE CIÊNCIAS***

***"QUE PALOMA ESTA?": UN RELATO SOBRE SEXUALIDAD EN LA
ENSEÑANZA DE CIENCIAS***

***"WHAT IS THIS CLOWN?": A REPORT ON SEXUALITY IN SCIENCE
TEACHING***

Dhemersson Warly Santos Costa¹
Carlos Augusto Silva Silva²

RESUMO

Este artigo tem como objetivo apresentar um relato de experiência vivida por um estudante do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas durante o estágio supervisionado em uma escola de ensino fundamental localizada na cidade de Altamira/PA, fomentando discussões sobre o debater de questões voltadas à sexualidade na disciplina de Ciências. Parte-se do pressuposto de que a sexualidade entra na escola não para promover a multiplicidade de formas de habitar o mundo, mas para suprimi-la, discipliná-la em códigos sociais, respaldados por método científico, que acaba por provocar generalizações, bifurcações... Homem, Mulher, Masculino, Feminino, Macho, Fêmea. Binarismos impostos por uma ciência régia que congela um possível abalo do sexo. Restringindo-o apenas para procriação e explicações biológicas.

PALAVRAS-CHAVE: Sexualidade. Ciências. Escola.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo presentar un relato de experiencia vivida por un estudiante del curso de Licenciatura en Ciencias Biológicas durante la práctica supervisada en una escuela de enseñanza fundamental ubicada en la ciudad de Altamira/

¹ Possui graduação em licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Pará (2016) campus de Altamira-PA. Atuou como bolsista no programa de iniciação a docência PIBID (2012-2014). Foi bolsista do projeto de extensão EDUCABIO (2014-2015).

² Possui graduação em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Pará (2014). Atualmente é aluno de Mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemáticas, Universidade Federal do Pará e especialização em andamento em metodologia do ensino de biologia e química.

PA, fomentando discussões sobre o debate sobre questões voltadas à sexualidade na disciplina das ciências. Se parte do suposto de que a sexualidade entra na escola não para promover a multiplicidade de formas de habitar o mundo, mas para suprimi-la, discipliná-la em códigos sociais, respaldados por método científico, que acaba por provocar generalizações, bifurcações. Homem, Mulher, Masculino, Feminino, Macho, Feminino. Binarismos impostos por uma ciência régia que congela uma possível sacudida do sexo. Restringindo só para a procriação e explicações biológicas.

PALABRAS CLAVE: Sexualidade. Ciências. Escola.

ABSTRACT

This article aims to present an experience report by a student of the Licentiate in Biological Sciences course during the supervised internship at a primary school located in the city of Altamira / PA, fostering discussions about discussing issues related to sexuality in discipline of science. It starts from the assumption that sexuality enters the school not to promote the multiplicity of ways of inhabiting the world, but to suppress it, to discipline it in social codes, backed by scientific method, that eventually provokes generalizations, bifurcations. .. Man, Woman, Male, Female, Male, Female. Binarisms imposed by a royal science that freezes a possible concussion of sex. Restricting it only for procreation and biological explanations.

KEYWORDS: Sexuality. Sciences. School.

Introdução

A escola é povoada por uma multiplicidade de modos de ser e estar no mundo, os n' sexos em produção, circulando pelos corredores da escola... Sexualidades que, apesar dos inúmeros esforços para serem silenciadas... Gritam! São vozes abafadas que se expressam através de trajés, olhares, sorrisos, palavras, gestos, desenhos, rabiscos, grafitos, pichações... Um mar de (im)possibilidades!

Contudo, a escola permanece inerte frente às possibilidades de um corpo, as potências que o atravessam, ao desejo que o movimenta e o embaralha. Há nesse espaço uma recusa em pensar a sexualidade para além da sua função reprodutora biológica, negligenciando as diferenças e produções estéticas criadas na escola.

Com vistas ao exposto, neste artigo apresentaremos um relato de experiência vivida por um estudante do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas durante o estágio supervisionado em uma escola de ensino fundamental localizada na cidade de

Altamira/PA, fomentando discussões sobre o debater de questões voltadas à sexualidade na disciplina de Ciências.

“Que palhaçada é essa?”

Que palhaçada é essa? Tais palavras foram lançadas ao vento por uma professora de Ciências locada numa turma de oitavo ano. O que estes simples dizeres, organizados num sentido depreciativo, tem a ver com o teor do referido deste artigo? O episódio que almejamos relatar neste estudo aconteceu durante o estágio supervisionado II. Os estagiários foram orientados a elaborar uma regência na escola com alunos do ensino fundamental maior, obedecendo ao conteúdo que já estava sendo abordado na escola pelo professor. Na escola em questão, a professora estava trabalhando com os alunos do 8º ano o módulo cuidados com a adolescência, onde ficou sob a responsabilidade do estagiário elaborar uma aula voltada à temática de Doenças Sexualmente transmissíveis (DSTs), atrelada a disciplina de Ciências.

A idade dos alunos da turma variava entre 12 e 13 anos, razão pela qual resolveu-se abordar o seguinte procedimento: o uso de filme seguido de discussão; em parte porque os filmes se configuram como uma excelente ferramenta no que se refere a suscitar sensações naquele que assiste, e em outra pela incrível capacidade de sensibilizar o ser humano.

A obra escolhida foi “A cura”, pois trazia à tona a discussão sobre a AIDS, bem como possui a classificação indicativa adequada à série. Ao final do filme propus uma discussão com os alunos, que apresentaram relevante interesse e participação ativo durante a discussão, apontado suas dúvidas, anseios, medos, relatos próprios entre outros. Todavia, destaca-se que ao tratar de temáticas voltadas à sexualidade uma série de assuntos surge na fala dos alunos e, em se tratando de DSTs, questionamentos sobre homossexualidade são quase que inevitáveis.

Assim, nas discussões ao final da aula surgiram intervenções na fala dos alunos sobre a homossexualidade atrelada inicialmente ao HIV (Vírus da Imunodeficiência Humana), como, por exemplo, formas de contágio, por quais razões os homossexuais apresentavam os maiores índices de contágio, porém as discussões transbordaram os limites do conteúdo cientificista, adentrando no território social das vivências homossexuais dos alunos, dos casos de preconceito na escola, na família, na igreja, entre outros.

Terminada a aula, o estagiário estava feliz com o sentimento de dever cumprido, contudo o mesmo foi chamado pela professora na direção, proferindo-lhe as seguintes palavras: “Que palhaçada foi essa”? Para ela, o estagiário não deveria ter exposto esse tipo de filme, muito menos levantado a discussão em grupo, pois estava incentivando os alunos a praticar sexo homossexual. Segundo a dita “professora” o estagiário deveria ater-se apenas às questões “Científico-biológicas”, isto é, na reprodução dos conceitos inerentes ao contexto, bem como ao ciclo do vírus.

O episódio narrado suscita indagações: A sexualidade é debatida na escola? Quando ela entra na escola? Qual/Quais disciplina(s) fica(m) com a responsabilidade de discuti-la? Que sexualidade é essa tratada na escola? Será que é uma educação sexual para o exercício do respeito à diferença ou para disciplinar os corpos?

Quando a sexualidade entra na escola?

A sexualidade é uma temática transversal no currículo escolar, isto é, ela deve ser trabalhada em conjunto por todas as disciplinas. Altmann (2001) explica que no Brasil, o assunto torna-se pauta de discussão na escola por volta da década de 1930. Contudo, foi através da criação dos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) que a sexualidade se consolidou no currículo escolar como forma de orientar as crianças e os adolescentes sobre a saúde do corpo.

Entretanto, os PCNs quando abordam a temática sexualidade, quase sempre é no sentido de limitar a sexualidade que atravessa esse corpo, vinculando-o às concepções científicas da biologia, isto é, o corpo é posto, único e exclusivamente, como máquina reprodutiva, cuja função é “se multiplicar” e povoar a terra, para assim garantir o sucesso evolutivo da espécie. Tal máquina de reprodução precisa ser “vigiada” para não contrair uma Doença Sexualmente Transmissível (DST) e/ou uma inesperada gravidez (SANTOS; BRITO, 2016).

Tais lentes biológicas de conhecimentos produzem discursos através dos seus preceitos racionalizantes, que buscam sistematizar a sexualidade ajustando condutas aos corpos, condensando a sexualidade numa perspectiva meramente biologizante-medicinista-higienista, a qual enxerta os currículos escolares, predominando explicações anatômicas e fisiológicas.

Os saberes biológicos acerca do corpo na escola foram seguindo um pensamento arborescente. Através de um eixo central e suas respectivas dicotomias.

Uma árvore recheada de frutos chamados classificações e definições, formando alunos que pensam a partir da reconhecimento ou representação. Um pensamento que se baseia em procedimentos, métodos, certificações científicas que se tornam verdades absolutas.

Nesse sentido, Deleuze e Guattari na obra *Mil Platôs* (2012) conceituam essa produção científica como uma “ciência maior”, também chamada pelos autores como ciência régia ou imperial, a qual provém de proposições oriundas do método científico, onde “para conhecer, é preciso isolar o objeto, fragmentando-o, atingindo suas partículas últimas para melhor estudá-lo e compreendê-lo, ou seja, parte de um modelo cartesiano de decomposição” (DUARTE; TASCETTO, 2012, p.96).

Destarte salientar que este método científico incumbiu-se da missão de organizar, classificar e ordenar o corpo biológico, sempre em uma escola crescente, do menor ao maior, das bordas ao centro, do simples para mais específico, compartimentando-o em sistemas, fragmentos. Moléculas, Genes, Tecidos, Órgãos, Sistemas, Organismos... um corpo... Um corpo dividido, também ou talvez, em cabeça, tronco e membros... Um repertório orgânico, que concebe em si verdades, universalizações. Subjetivando corpos para enquadrá-los numa única forma de ver, sentir e vivenciar seus próprios corpos, bem como outros corpos.

Assim, respaldada sob os pilares rígidos do método científico, estas Ciências ditas “maiores”, acabam por provocar generalizações, bifurcações... Homem, Mulher, Masculino, Feminino, Macho, Fêmea. Binarismos impostos pela ciência régia que congela um possível abalo do sexo. Restringindo-o apenas para procriação e explicações biológicas.

E as forças que atravessam este corpo da biologia? A sexualidade também não faz parte deste corpo? O que fazer quando a sexualidade sucumbe os corpos orgânicos? Seria essa Ciência Régia/Maior/Imperial capaz de responder tais indagações? Com estes questionamentos é que o presente ensaio almeja fomentar discussões sobre a sexualidade na escola.

Considerações finais

Que sexualidades estão sendo produzidas nas aulas de ciências? Que atravessamentos ressoam dos/nos corpos, da/na escola, da/na vida? São perguntas que latejavam muito mais do que algumas respostas, porém, escavam experimentações de outros sentidos por um estagiário de ciências em constante deformação que se aventura

não apenas pelo vasto campo biológico que atravessa a sexualidade, mas pelos fluxos que vazam o corpo dos alunos, levando-os a experimentar outras formas de existência que vão além do padrão heterossexual disciplinado por uma ciência maior, que limitam a vida ao duplo macho/fêmea, homem/mulher, cuja única função é reproduzir.

Assim, percebemos com o episódio narrado pelo estagiário que a sexualidade faz parte do campo de debate da escola, todavia a sexualidade entra na escola não para promover a multiplicidade de formas de habitar o mundo, mas para suprimi-la, discipliná-la em códigos sociais. Como escapar desse sistema dominante? Esta não é uma tarefa fácil, mas que deve ser um exercício para o professor de ciências.

Referências

ALTMANN, H. Orientação sexual nos parâmetros curriculares nacionais. **Red Revista Estudos Feministas**, v. 9, n. 2, p. 575-585, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2001000200014>>. Acesso em: 02 out. 2017.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mil platôs-vol. 5**. Editora 34, 2012.

DUARTE, C. G.; TASCETTO, L. R. Fabulações sobre a Etnomatemática na perspectiva da Filosofia da Diferença. In: HENNING, Paula Corrêa (org.). *Cultura ambiente e sociedade*. Rio Grande, RS: FURG, 2012. Coleção Cadernos Pedagógicos da EaD, v.6. p. 64-85. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/alexandria/article/download/37933/28961>. Acesso em: 09 out. 2017.

SANTOS, H. S. S; BRITO, M. d. R. Esquizografias dos afetos: sexualidade entre paisagens. **Momento-Diálogos em Educação**, v. 25, n. 1, p. 233-256, 2016. Disponível em: <<https://www.seer.furg.br/momento/article/viewFile/6121/3936>>. Acesso em: 05 out. 2017.

Submetido em: 14/11/2017

Aceito em: 20/02/2018